

TODO MUNDO TEM LUGAR NO SUS:

Manifesto pela Vida, pela Justiça e por um SUS Popular, Universal e Estatal

A saúde é o lugar onde se encontra o cuidado com a vida. E o Sistema Único de Saúde, esse que chamamos de SUS, é a maior expressão da solidariedade de um povo que ousou enfrentar a ditadura, o egoísmo do mercado e a exclusão dos pobres do direito de viver com dignidade. O SUS é mais do que uma política pública: é um pacto civilizatório, é o chão onde todos cabem, onde cada pessoa tem nome, história e direito a ser cuidada.

Mas esse pacto está em risco. Nunca o SUS esteve tão ameaçado. Nunca o capital privado teve tanto poder dentro das estruturas públicas. Nunca os nossos equipamentos, construídos com tanto suor – os centros de saúde, as academias, os CERSAMs, as UPAs – estiveram sob tanta pressão, atendendo além do limite, enquanto o financiamento definha, enquanto a elite e os planos de saúde disputam cada centavo, cada procedimento, cada política. **Estão roubando o SUS do povo!**

E é por isso que estamos aqui: para reafirmar que não há sistema de saúde universal sem uma Atenção Básica forte, territorial, humana e estruturada. Perto do povo, com equipes completas, com saúde mental, bucal, prevenção, educação em saúde e práticas coletivas. Precisamos de mais profissionais, mais tempo para cuidar, mais vínculo com o território e menos sobrecarga. Não aceitamos mais cuidar de milhares de pessoas por equipe. Isso adoce quem cuida e piora a vida de quem precisa de cuidado. Denunciamos também a vergonha das filas na atenção especializada. As pessoas esperam meses por consultas, exames e cirurgias enquanto os hospitais privados lucram com a dor. Enquanto 95% dos tratamentos de câncer, das cirurgias cardíacas e dos transplantes são realizados no SUS, os planos de saúde lavam as mãos, negam cobertura e parasitam o que é público.

Reivindicamos um sistema de urgência e emergência digno, que não transforme nossas UPAs em depósitos humanos, com pacientes deitados em macas por dias à espera de um leito hospitalar. Reivindicamos uma rede integrada, com leitos suficientes, profissionais em número adequado e gestão estatal direta.

Sabemos que não há saúde sem trabalhadores valorizados. Não basta discurso bonito: queremos concurso, carreira pública, educação permanente com jornada protegida, condições dignas de trabalho. O profissional de saúde é a alma do SUS – e merece respeito, cuidado e participação real na construção das políticas. E, acima de tudo, defendemos o controle social, porque é o povo que carrega esse sistema nas costas. São os conselhos locais, distritais e municipais que precisam ser fortalecidos, respeitados, financiados e ouvidos. Mas nada disso será possível sem enfrentar o poder das elites que dominam o orçamento, o Congresso e os espaços de decisão. Não é aceitável que o Brasil, com um sistema universal, gaste mais com os 50 milhões de usuários dos planos privados do que com os 150 milhões que dependem exclusivamente do SUS. Isso é um escândalo de classe, é perversidade política, é neoliberalismo em estado bruto.

O SUS só pode ser defendido se for reestatizado, financiado adequadamente, blindado contra as garras do capital e entregue ao controle popular. O SUS é de todos, e é com todos que queremos reconstruir este país. Não há democracia verdadeira onde o povo morre na fila. Não há justiça social sem saúde pública forte.

A construção e consolidação de um Sistema Único de Saúde público, estatal, universal e de qualidade não é apenas uma política pública: é uma trincheira da luta de classes no Brasil. O SUS, fruto da resistência popular, das mobilizações sindicais e da reforma sanitária impulsionada pelas forças progressistas, está sob constante ataque daqueles que veem a saúde como mercadoria, não como direito.

O capitalismo, em sua fase neoliberal, opera uma permanente ofensiva contra os direitos sociais. Asfixia os orçamentos públicos, impõe teto de gastos, terceiriza e privatiza serviços, e tenta transformar a saúde num negócio lucrativo para planos privados e grandes grupos hospitalares. Frente a isso, nossa tarefa histórica é defender e radicalizar o SUS como política de Estado a serviço do povo trabalhador.

Defendemos um **SUS 100% público e estatal**, com a revogação de todas as formas de terceirização, privatização e “parcerias público-privadas”. O que está em jogo não é apenas a qualidade dos serviços, mas a soberania sobre as políticas públicas, o controle social e a garantia de que os recursos públicos sirvam ao povo – e não ao lucro privado. A atenção básica, porta de entrada do sistema, precisa ser universalizada com **equipes**

completas, bem dimensionadas, com estabilidade, salários dignos e vínculo público. A precarização do trabalho em saúde é também uma precarização do cuidado. O SUS só cumprirá seu papel constitucional se estiver **estruturado para atender de forma integral e territorializada as necessidades do povo**, especialmente dos que mais sofrem: a população negra, as mulheres, os povos originários, LGBTQIAPN+, pessoas em situação de rua e trabalhadoras e trabalhadores em condições precárias. A saúde mental, a promoção da vida, o cuidado coletivo e as práticas integrativas precisam estar presentes em cada território, não como políticas residuais, mas como parte do núcleo duro da atenção à saúde.

Reafirmamos que **a saúde não é um serviço, é um direito de classe**. É uma conquista que expressa a força do povo organizado. Por isso, é preciso ampliar e fortalecer o controle social, democratizar os conselhos, formar e valorizar conselheiros populares, garantir infraestrutura e orçamento próprio para que o povo não apenas seja ouvido, mas decida. A luta pela saúde é também a luta pela democracia real.

Exigimos que o SUS seja **financiado de forma robusta, com recursos permanentes, com prioridade nos orçamentos públicos**, rompendo com a lógica de austeridade que corta da saúde para pagar dívida pública ilegítima. Nenhum centavo a menos para a vida!

Por fim, reafirmamos: **só o SUS estatal garante saúde como direito e não como privilégio**. Não aceitaremos que nossas vidas sejam governadas por interesses privados. É hora de fortalecer a unidade da classe trabalhadora, da militância sanitária e dos movimentos populares para que o SUS seja, cada vez mais, a expressão concreta do direito à vida com dignidade.

SUS forte é SUS público.

SUS público é SUS estatal.

SUS estatal é SUS do povo.

Viva o SUS!



Entidades Signatárias

Sindicatos:

SIND-SAÚDE MG - Sindicato Único da Saúde dos Trabalhadores da Saúde de MG

SINDIBEL - Sindicato dos Servidores e Empregados Públicos de Belo Horizonte

SINDIFES - Sindicato de Técnicos Administrativos em Educação nas Instituições Federais

SINFARMIG - Sindicato dos Farmacêuticos do Estado de Minas Gerais

SINMED - Sindicato dos Médicos de Minas Gerais

SINTSPREV MG - Sindicato dos Trabalhadores em Seguridade Social em MG

PSIND MG - Sindicato dos Psicólogos do Estado de MG

Centrais:

INTERSINDICAL - CENTRAL DA CLASSE TRABALHADORA

CUT MG - Central Única dos Trabalhadores MG

Movimentos:

Frente Mineira Drogas e Direitos Humanos

Fórum Mineiro de Saúde Mental

Fórum Nacional de Residentes em Saúde

Frente Popular em Defesa da PopRua MG

Fórum Sindical e Popular de Saúde e Segurança do Trabalhador e da Trabalhadora MG

Instituto Guaicuy - SOS Rio das Velhas

Marcha Mundial das Mulheres

Presidentes do CMS-BH:

Ilda Alexandrino - Gestão (2024-2025)

Antônio de Pádua Aguiar - Gestão (2022-2024)

Bruno Pedralva - Gestão (2016-2018)

Ederson Alves da Silva - Gestão (2013-2014)

Angela Assis - Gestão (2012-2013)

Sandra Maria dos Santos - Gestão (2010-2011)

Willer Marcos Ferreira - Gestão (2009-2010)

